

Os casamentos na Corêa

A ceremonia do casameuto na Corêa é digna de ser conhecida pela sua originalidade,

No dia fixado para a ceremonia a noiva deve dirigir-se a casa do seu escolhido.

Antes d'abandonar o lar paterno cobre-se com uma ampla tunica branca, em que ha tres orificios, dois dos quaes correspondem aos olhos e o terceiro á bocca.

Feita esta «toilette,» sobe para uma liteira hermeticamente tapada com pannos de diversas cores.

Rodeiam a liteira varias raparigas vestidas de branco, levando sobre as cabeças grandes vazos de porcelana e executando no trajecto, danças originalissimas.

O cortejo avança lentamente. Quando chega a casa do noivo, a noiva desce do palanquim e offerece varias golozeimas às suas companheiras

Ao transportar os humbraes da casa do seu escolhido, assenta-se em

frente d'este e recebe um copo vasio, que lhe offerecem. As pessoas da familia entoam cancões monotonas.

Findos os descantes acerca-se da noiva uma mulher, e vasa-lhe na taça uma bebida espirituosa. Ella sorve uns golos e passa o copo ao noivo, que faz outro tanto.

Desde aquelle instante fica effectuado o casamento. Os paes dos jovens esposos despojam-os dos vestidos, guardando as precisas conveniencias, e conduzem-os à alcova nupcial, onde ficam encerrados pelo espaço de tros dias. Os creados que lhes levam alimentos só entram no quarto às horas das refeições.

Ao cabo do terceiro dia a recemcasada abandona o tecto coujugal e volta ao lar paterno onde permanece cem dias e cem noites. Quando este praso expira, regressa a casa do marido, considerando-se então como definitivamente contrahido o casamento.

Muitas vezes acontece que passados os cem dias do estylo, o esposo cruel tem dado ás de Villa Diogo.

Arrependen-se.

Costumes de Sião

Um jornal de Bangkok conta que os siamezes teem um modo corioso de punir os seus agentes de policia, culpados de um delicto

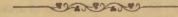
qualquer.

Ultimamente, à porta de uma das estações policiaes, via-se um dos agentes, com as mãos atadas atraz das costas e um letreiro no peito que dizia: «Chamo-me Cerddy e pertenço a esta estação policial. A noute passada roubei uma espada que pertencia a S. Magestade e fui apanhado em flagrante por um guarda quando a trazia debaixo do braço. Hoje estou arrependido d'esta má acção.

O inspector está furioso comigo e diz que eu mereço castigo, pois o meu delicto é grave, visto que per-

tenço à policia,

Peço a quem passar por aqui que me olhe com attenção e diga depois se eu mereço chicote. Em minha opinião, o meu delicto não é grave, porque muita gente aqui faz o mesmo».



Uma curiosa solemnidade de ramos no Minho

O snr. conego Bento José Barroso illustrado capellão de infanteria
8 e zelozo correspondente do «Commercio do Porto», em Braga, refere
assim uma solemnidade de Ramos,
realisada em uma aldeia proxima de
Braga:

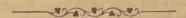
Desejando o parocho da alludida freguezia dar uma feição mais carateristica ao acto religioso que a Egreja commemora em domingo de Ramos, mandou procurar um jumento, sobre cujo dôrso pôde segurar a imagem do Senhor dos Passos, fazendo em seguida com tal apparato a procissão propria n'aquelle dia.

O pobre quadrupede (o jumento entenda-se bem) andou sempre muito contente e satisfeito em volta da egreja emquanto o zeloso parocho entoava, obrigados a cantochão, os versiculos «Pneri Hebraeorum, tollentes ramos olivarum obviaverunt Domino, clamentes et dicentes: Hosanpa Filio David etc.»

Quando, porém, teve a ditosa honra de dar ingresso no templo, o bom do animalejo talvez por aborrecido de tantos «Hossannas» e de tanta festa que em nada lhe alliviava o fardo pesado, que tinha sobre e hombro entendeu que, depois de cumpridos os seus deveres, devia atirar com a carga ao chão, visto que tanto se demoravam em tirar-lh'a aquelles que o obrigaram a representar aquelle papel!

Escusado será dizer, que semilhante acontecimento dispertou a maxima hilariedade entre os fieis, que aliás nunca haviam presenceado, tanto ao vivo a entrada trinmphante do Salvador em Jerusalem.

Pobre christianismo que papeis te fazem representar os hypocritas e phariseus modernos!!!



Das cerimonias e estylo que se praticavam nas mortes dos reis

Havia costume antigamente em Portugal, deduzido desde o tempo da gentilidade, tanto que morria alguem, conduzirem a preço certas

para virem assistir aos defuntos, e acompanhal-os atè à coya, chorando e pranteando sobre elles. Por esta ceremonia comecava a demonstração do sentimento: e, quando a pessoa era real, se executava com muito excesso, e major numero de pranteadeiras, ou carpideiras, as quaes entre as lagrimas e os gemidos misturayam louvores ao defunto, que, se era rei, diziam d'elle o bom tratamento que fizera ao seu povo, que o não vexàra com tributos, que introduzira tanto dinheiro no thesouro, accrescentando tanto mais sobre o que berdára; e com estes e outros elogios, gritando e soluçando, faziam mais luctuoso aquelle regio funeral.

Assim consta que se fizera no enterro d'el-rei D. Diniz e no de elrei D. Fernando, até que no tempo d'el-rei D. João I fez o senado da camara de Lisboa extinguir semelhante costume, conservando-se porém ainda até o tempo de el-rei D. Manoel o luto de burel, porque o primeiro luto regro que uson n'este reino foi o que se vistiu na morte de D. Filippa, tia d'el-rei D. Manoel. Isto supposto, tanto que fallecia algum dos reis portuguezes se despachavam logo correios para as comarcas do reino, com a qual noticia se levantavam nas cathedraes e parochias tumulos de madeira cobertos de lutos para se fazerem os officios e funeraes, dobrando ao mesmo tempo os sinos.

Depois sahia em dia determinado, da casa do senado, a comitiva seguinte: a principal pessoa ia a cavallo vestida de luto, e levava uma

mulheres, chamadas pranteadeiras, | bandeira negra ao hombro, que arrastava até ao chão. Com o mesmo luto e da mesma sorte o seguiam os tres vereadores d'aquelle anno, acompanhados de toda a nobreza, e assistidos de tres ministros, que lhes levavam tres escudos pretos: e caminhando para a parte mais publica do logar, onde já estava prevenido um estrado com alguns degraus: coberto tudo de pannos negros, subia n'elle o primeiro vereador com um escudo preto nas mãos, e voltado um pregoeiro para o povo, dizia tres vezes em voz alta: «ouvide, ouvide, ouvide». Logo o primeiro vereador dizia estas palavras, que levava escriptas: «chorae povo, chorae a morte de vosso rei, que vos governou com instica e amôr de pae». E subindo o escudo sobre a cabeca o deixava cahir em terra e se quebrava. Com as mesmas circumstancias se repetia a mesma cerimonia pelos outros vereadores, levantando ao mesmo tempo o povo grandes clamores e prantos. Depois caminhavam para a egreja na qual assistiam ao fuueral. que tambem se fazia com aquella expressão de pena e dôr que merecia a grandeza da perda. Veja-se Damião de Goes, Gracia de Rezende e outros chronistas antigos, que as descrevem com mindeza.

> Na côrte se fazia este acto com maior pompa, porque ao alferes da cidade pertencia levar a bandeira, aos vereadores, varas pretas nas mãos, a dois juises do crime e um do civil o levaram sobre a cabeça os tres escudos, que pela referida ordem se quebravam, o primeiro no taboleiro da Sé, o segundo uo meio da rua Nova.

e o terceire no Rocio.

O lenço d'assoar

Toda a gente usa de lenço d'assoar—toda a gente è uma mencira delicada de dizer—mas o que nem toda a gente sabe, com certeza, è qual foi a origem de esse objecto, tão indispensavel na »toilette» moderna.

O lenço d'assoar descende em linha recta do «sudariom» romano, e appareceu na Italia, na edade media, sob o nome de Pazzali.

O imperator Frederico II, da Allemanha, ordenou o seu uso aos seus intendentes, uso que rapidamente se propagou por todos os paizes do norte.

Entretanto, no seculo XVI, esse uso não estava ainda em voga entre toda a gente, pois Eramos recommendava com insistencia, a quem quizesse passar por bem educado, não fazer uso das mãos on das mangas dos vestidos e tunica, para os serviços que o lenço è destinado a desempenhar.

O numeró cinco

Os chins teem uma grande predilecção pelo numero cínco.

Segundo a sua opinião, ha cinco elementos: agua, fogo, metaes, madeiras e a terra. Cinco virtudes perpetuas: bondade, justiça, probidade, sciencia e verdade. Cinco costos: azedo, doce, amargo, acido e salgado. Cinco côres: azul, amarello, côr de carne, branco e preto, Reconhecem cinco visceras do homem: figado, coração, pulmões, bins e estumago.

Contam cinco orgãos nos sentidos: ouvidos, olhos, bocca, nariz, e sobrancelhas.

Um auctor chinez escreveu um dialogo singular entre estes orgãos, no qual a bocca se queixa de que o nariz está muito perto e por cima d'ella; o nariz defende os seus direitos allegando que sem elle poderiam muitas vezes entrar na bocca alimentos corruptos; depois passa o nariz tambem a queixar-se de estar debaixo dos olhos, estes respon lemble que se não fossem elles, correse-hia muitas vezes o risco de dar com o pariz no chão.

Preceitos e maximas do agricultor

Toda a terra de pão pode ser de prado. Ha mais especies de prados do que de cereaes.

Quem prados não semeia pouco trigo reifa: on pequena estrumeira, pequeno celleiro.

O exemplo é o melhor dos mesires.

Préga com o exemplo e não perderás palavra.

Quem sempre lavrar tudo, não trarà calções de velludo.

Quem não tiver prados pouco trigo colherá.

Não desejes vastas terras, Que não possas cultivar; Pouco enfeixa e pouco aperta, Quem muito quer abarcar.

Mais vale oma vista do dono, do que cem brados do abegão.

(Continua)